



O MATERIALISMO-HISTÓRICO: UMA NOVA LEITURA DA FORMA DE SER DOS HOMENS

Me. Osmar Martins de Souza, Projeto de Pesquisa/Fecilcam, msouza.32@gmail.com

Me. Analéia Domingues, Uniandrade, analeia2504@hotmail.com

1. Introdução

Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) foram os criadores de uma nova forma de compreensão da sociedade – o Materialismo-Histórico, que permitiu superar tanto o idealismo como o materialismo do seu tempo. Essa nova abordagem desvelou o caráter limitado e a natureza mistificatória da filosofia e da economia política burguesa. Dessa forma, com o propósito de estudar histórica e cientificamente a sociedade de sua época, Marx e Engels começaram por criticar as teorias existentes para então e formularam uma nova forma de interpretação da realidade. É nesse sentido que analisando as teorias dos idealistas, dos metafísicos, dos materialistas ingênuos, representantes do pensamento burguês elaboraram uma explicação radicalmente oposta.

Esses grandes pensadores a partir da análise das teorias sociais existentes realizaram a ruptura com o pensamento de vários teóricos. Entre eles o de Hegel (1770-1831), filósofo alemão que acreditava que a idéia constitui-se a própria realidade, ou seja, que são os pensamentos, as idéias, que determinam a vida material e Feurbach (1804-1872), que dizendo-se materialista, toma a essência genérica do homem como ponto de partida da história, admitindo a existência do indivíduo isolado, abstraído do seu contexto histórico. Além desses dois pensadores, Marx faz também, severas críticas a Proudhon (1809-1865) que, devido à sua concepção pequeno-burguesa, analisa as relações sociais capitalistas como imutáveis.

Portanto, se Marx critica esse materialismo existente até então, como ele vê o indivíduo? Qual o conceito de história que ele propõe? Em que consiste o Materialismo Histórico proposto por Marx e Engels? Nesse texto, busca-se discutir algumas idéias que auxiliarão na compreensão dessas questões.

2. As principais críticas e rupturas realizadas por Marx

Em A Ideologia Alemã, obra conjunta de Marx e Engels, a ruptura com Feuerbach, o principal expoente da filosofia neohegeliana, ocupa lugar central. Discordam enfaticamente do princípio de que é o pensamento quem determina e direciona a vida humana, de que as idéias, os princípios, os pensamentos, são os determinantes da forma de ser dos homens. Nessa análise de Feuerbach é a consciência que determina a vida, sendo assim, “a Idéia

constitui-se a própria realidade, na medida em que o mundo real nada mais é que a exteriorização deliberada da Idéia. Decorre daí que o pensamento não depende das coisas mas estas é que dependem dele” (MARCUSE, 1978, p.19).

Nessa perspectiva, não leva-se em consideração a história real, em vez de ser interpretado como produto do trabalho humano, o homem é concebido como fruto do seu próprio pensamento. É, portanto, abstraído do seu contexto histórico, das relações sociais estabelecidas na produção da vida material. Assim, parte-se do que os homens dizem, representam ou imaginam e não dos homens em seu processo real de vida.

Feuerbach, concebe o real apenas como objeto sensível. Não concebe assim, o homem em sua conexão social com outros homens e com a natureza, não chega aos homens ativos, existentes, produtores de sua própria existência, ele fica só na abstração do homem. “Na medida em que Feuerbach é materialista, não aparece nele a história e, na medida em que toma a história em consideração, não é materialista. Materialismo e história aparecem completamente divorciados nele” (MARX, 1986, p. 40).

Marx deixa claro que se diferencia de Hegel. A sua fundamentação teórica e o seu método dialético não só difere do hegeliano, mas é também a sua antítese direta. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de idéia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. “Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material transposto para a cabeça do homem e por ela interpretado” (MARX, 1983, p. 20).

Marx distancia-se do modo hegeliano abstrato e a-histórico de entender o homem, ao afirmar que “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX, 1986, p.37). Quando Marx fala da produção da vida, ele está tratando de uma atividade produtiva concreta que decorre da maneira de viver do homem. Esta noção de produção do homem pelo trabalho, ocupa um papel de suma importância no seu pensamento. É da produção que ele parte para explicar a própria sociedade, é pela produção que se entende o caráter social e histórico do homem.

Na Introdução à Crítica a Economia Política, Marx faz uma crítica às concepções idealistas da economia clássica principalmente à Smith e Ricardo¹ que tomam como ponto de partida o homem idealizado como ser natural:

Vêm nele não um resultado histórico, mas o ponto de partida da história porque consideram este indivíduo como qualquer coisa de natural, conforme com a sua concepção de natureza humana, não como um produto da história, mas como um dado da natureza (MARX, 1983, p. 201).

¹Marx ironicamente os chama de profetas do século XVIII.



Para Marx, a sociedade burguesa dá origem à idéia do indivíduo isolado ou do produtor independente dos laços com a sociedade. Para ele, essa idéia é tão absurda tal como o desenvolvimento da linguagem sem os indivíduos vivendo e falando em comunidade. Quando fala em produção, é a produção num determinado estágio de desenvolvimento social, a produção de indivíduos em sociedade. Nesse sentido, é impossível conceber o homem isolado do seu meio. Essa é uma idéia fundamental em Marx.

Outra crítica que podemos encontrar no pensamento marxiano, diz respeito ao carácter ideológico que alguns economistas dão as relações sociais. Eles eternizam as relações capitalistas de produção atualmente existentes, como algo natural, universal e eterno. Marx, parte do princípio de que todas as épocas de produção tem certas características comuns, algumas dessas pertencem a todas as épocas, outras apenas comuns a umas poucas. Sem elas é impossível conceber qualquer espécie de produção. A produção é resultado das relações estabelecidas socialmente e estas estão em constante processo de modificação, portanto, não são eternas.

Nesse sentido, Marx faz uma crítica a toda concepção de história existente até então:

Toda concepção histórica, até o momento, ou tem omitido completamente esta base real da história, ou a tem considerado como algo secundário, sem qualquer conexão com o curso da história. Isto faz com que a história deva sempre ser escrita de acordo com um critério situado fora dela. A produção da vida real aparece como algo separado da vida comum, como algo extra e supraterebre. Com isto, a relação dos homens com a natureza é excluída da história (MARX, 1986, p.57).

Quanto a visão não histórica da filosofia neohegeliana, especificamente, Marx escreve:

Seu objetivo é, portanto, escrever uma história do passado para fazer brilhar a glória de um personagem não histórico e de suas fantasias, e de acordo com isso não mencionar todos os acontecimentos históricos reais, inclusive as ingerências realmente históricas da política na história, e oferecer, em compensação, uma narração não baseada em estudos mas em artifícios e tagarelices literárias (MARX; ENGELS, 1986, p.61).

Proudhon, estudioso da Economia Política e autor da obra *A filosofia da Miséria*, em suas análises também não percebe o movimento histórico. Marx, em contraposição as idéias discutidas por Proudhon, escreve **A miséria da filosofia**, criticando principalmente a análise de Proudhon, em relação as relações sociais burguesas, tidas como imutáveis,



eternas, universais. Para a teoria marxiana, as relações sociais são produzidas historicamente. Desse modo, os princípios, as idéias, as categorias são também produzidos pelos homens a partir das relações estabelecidas no processo de produção. As relações sociais para Marx e as formas produtivas, não são eternas. Essa forma de conceber as relações sociais rompe com as teorias sociais existentes e inaugura uma nova forma de análise das relações sociais.

3. Marx: categorias e conceitos fundamentais

Para Marx, as explicações para as questões postas na sociedade devem ser buscadas na práxis material dos homens. A categoria da práxis ocupa lugar central na teoria marxiana, por isso, toma a produção da vida material como ponto de partida: “Indivíduos produzindo em sociedade – portanto uma produção de indivíduos socialmente determinada, este é, naturalmente, o ponto de partida” (MARX, 1983, p. 201).

Para Netto (1998), a leitura de Marx, é uma leitura da realidade social e a categoria de práxis ocupa um lugar fundamental em sua obra.

É precisamente sobre a concepção do homem como ser prático e social que repousa na idéia capital do trabalho como forma modelar de práxis, vale dizer, o único modo de criação, é precisamente a partir dessa concepção que Marx elabora a sua teoria da história (NETTO, 1998, p. 54).

Portanto, podemos dizer que, do ponto de vista marx-engelsiano, as relações sociais de produção são construídas a partir das condições materiais existentes. É o entendimento dessas condições que permite a compreensão de todas as questões humanas. Dessa forma, a base da sociedade está no trabalho. O trabalho em Marx é uma categoria essencial que permite além de explicar o mundo e a sociedade, explicar também a própria constituição do homem, um ser que pelo trabalho se constituiu homem.

[...] O trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. [...] Não se trata aqui das primeiras formas instintivas, animais, de trabalho. [...] Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. no fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural, o seu objetivo. [...] Os elementos simples do processo de



trabalho são a atividade orientada a um fim ou o trabalho mesmo, seu objeto e seus meios. [...] O processo de trabalho [...] é a atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a natureza, condição eterna da vida humana e, portanto, [...] comum a todas as suas formas sociais (MARX, 1983 apud NETTO, 2007, p.31).

Assim, o que distingue o homem dos animais é que o primeiro produz seus meios de vida através do trabalho. O trabalho é apontado por Marx como a primeira necessidade humana, a partir da satisfação dessa necessidade, outras vão sendo criadas no interior do processo de produção. Nesse sentido, todas as questões humanas são produtos do trabalho, e só podem ser compreendidas no contexto em que foram produzidas.

Podemos afirmar então que, em suas análises, Marx parte dos indivíduos reais, produtores de suas ações, de suas condições de vida, de suas idéias. Assim é que, produzindo seus meios de vida, produzem sua própria vida material. "Tal como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto com o que produzem, como o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção" (MARX 1986, p.28).

Na sua obra *A Ideologia Alemã*, Marx (1986) diz que, existe uma única ciência, a da história, que pode ser examinada sob dois aspectos: a história da natureza e a dos homens. Essas duas são inseparáveis e coincidem reciprocamente. Para ele, o homem é um ser natural, criado pela própria natureza e que está sujeito as suas leis. Mas, ao mesmo tempo, não se confunde com ela, se diferencia já que a usa, transformando-a conscientemente segundo suas necessidades. É no processo de busca da satisfação de suas necessidades materiais que o homem trabalha, criando a si mesmo.

Para ele, a história não é um movimento linear, não é determinista, ela se dá através de contradições, de antagonismos e conflitos, enfim, é um campo aberto de possibilidades: "Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquela com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado" (MARX, 1985, p.1).

A busca pela satisfação das necessidades vitais para a manutenção da vida humana faz com que os homens produzam os meios de satisfazê-las, esse é para Marx o primeiro ato histórico. Desse modo, a satisfação dessas necessidades leva a outras. A própria divisão do trabalho por exemplo, se deu a partir das necessidades reais desses homens que produziam em sociedade. Assim, o próprio mundo sensível é um produto histórico, o resultado da atividade de toda uma série de gerações:



A história nada mais é do que a sucessão de diferentes gerações, cada uma das quais explora os materiais, os capitais e as forças de produção a ela transmitidas pelas gerações anteriores; ou seja, de um lado prossegue em condições completamente diferentes a atividade precedente, enquanto, de outro lado, modifica as circunstâncias anteriores através de uma atividade totalmente diversa (MARX, 1986, p.70).

Nesse contexto, a consciência do homem pode ser entendida como fruto do seu trabalho, já que, na produção social da própria vida os homens estabelecem determinadas relações que, por sua vez corresponde a uma certa etapa de desenvolvimento das forças produtivas. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura da sociedade que corresponde a formas sociais determinadas de consciência. Sendo assim, o representar, o pensar, o intercâmbio espiritual aparecem como emanção do comportamento material dos homens. Nesse sentido, "ao desenvolverem sua produção material e seu intercâmbio material, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos do seu pensar" (Marx, 1986, p.37).

Na Ideologia Alemã, Marx deixa claro o método que está propondo para a história. É o método que parte dos fenômenos reais :

Não se parte do que os homens dizem, representam ou imaginam, nem tampouco do homem predicado, pensado, representado ou imaginado, para chegar, partindo daqui, ao homem de carne e osso; parte-se do homem que realmente atua e, partindo de seu processo de vida real, se expõe também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos deste processo de vida (...) Tão logo se expõe este processo ativo de vida, a história real deixa de ser uma coleção de fatos mortos, ainda abstratos, como o é para os empiristas, ou uma ação imaginária de sujeitos imagináveis como o é para os idealistas (MARX, 1986, p.37).

Ao propor o seu método, Marx acredita que não está desenvolvendo um conhecimento contemplativo, mas um conhecimento que implica na possibilidade de transformar o real. O real é um movimento contraditório, marcado por conflitos e interesses antagônicos. A ciência da história deve buscar desvendar esse movimento que é a base para a compreensão da economia, da história, da política, enfim, de qualquer campo de estudo.

Assim, o entendimento de qualquer fenômeno, implica em compreendê-lo a partir da realidade concreta do qual faz parte:

A mais simples categoria econômica, suponhamos, por exemplo, o valor de troca, pressupõe a população, uma população produzindo em determinadas condições e também certos tipos de família, de comunidades ou Estados. O valor de troca nunca poderia existir de outro modo senão como relação unilateral, abstrata de um todo vivo e concreto já dado (MARX, 1983, p.15).



Na mesma obra citada acima, Marx fala que as idéias da classe dominante são em cada época as idéias também dominantes. A classe que tem em seu poder os meios de produção, tem também em suas mãos os instrumentos de dominação, já que é a classe consciente, pensante. “O que demonstra a história das idéias senão que a produção intelectual se transforma com a produção material? As idéias dominantes de uma época sempre foram apenas as idéias da classe dominante” (MARX; ENGELS, 1998, p. 85). Por isso, que as idéias dominantes expressam as relações que estão estabelecidas, ou seja, as relações materiais dominantes. Nesse sentido, o Manifesto do Partido Comunista escrito por Marx e Engels, buscando superar o que está posto, colocando as bases da teoria social de um novo socialismo e de uma política revolucionária, que expressa teoricamente a perspectiva de classe proletária na qual o proletariado constitui-se como sujeito histórico revolucionário.

Para Marx a sociedade burguesa é apenas uma forma antitética do desenvolvimento histórico. A análise de Marx revela que, quando no seu seio desenvolvem-se todas as forças produtivas que a relação capitalista de produção é capaz de conter, esta, de forma de desenvolvimento das forças produtivas transforma-se no seu entrave.

Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que nada mais é do que a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais aquelas até então se tinham movido. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, essas relações se transformam em seus grilhões. Sobrevém então uma época de revolução social (MARX, 1982 apud NETTO, 2007, p. 62).

Nesse contexto, manifesta-se com toda potência a contradição entre forças produtivas sociais e a relação de produção. Se a ordenação da sociedade em classes distintas foi historicamente necessária em decorrência do insuficiente nível de desenvolvimento das forças produtivas, as lutas de classes no capitalismo criaram a possibilidade da abolição de toda relação social fundada no antagonismo de classes:

As relações de produção burguesas são a última forma contraditória do processo de produção social, contraditória não no sentido de uma contradição individual, mas de uma contradição que nasce das condições de existência social dos indivíduos. No entanto, as forças produtivas que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa, criam ao mesmo tempo as condições materiais para resolver esta contradição. Com esta organização social termina, assim, a Pré-História da sociedade humana (MARX, 1983, p. 25).

Assim, o conhecer para Marx implica em transformação, conhecer uma dada realidade para modificá-la. A realidade que Marx quis conhecer e na qual centrou os seus



estudos foi a sociedade burguesa. Ele estudou o modo capitalista de produção no movimento histórico do seu devir, sua existência, sua extinção, ou seja, partiu da análise da sociedade de classes, mas o que pretendia mesmo era chegar à sociedade sem classes, ao explicar o significado da crise da ordem burguesa. Marx diz que, os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diversas maneiras, o importante é transformá-lo. Podemos dizer, que o método de Marx, é a chave que desvenda muitas questões, que leva a novas interpretações e que busca superar o que está posto.

4. Conclusão

Netto (1998) diz que, Marx inaugura um novo modo de interpretar a realidade, que não se enquadra no atual modelo pulverizado de ver o mundo. Marx, mostra a necessidade da crítica radical, da crítica que vai à raiz das coisas para revelá-las em sua inteireza e superá-las. Ele estuda a sociedade capitalista, a sociedade dividida em classes com o propósito de chegar a uma sociedade sem classes.

Através da sua concepção materialista da história, faz críticas à filosofia e ideologias alemãs, principalmente à idéia de que é os conceitos, as idéias e pensamentos que produzem e determinam a vida dos homens. A concepção materialista da história é a base de toda explicação histórica.

Continua na ordem do dia a importância da reflexão rigorosa, para o aprofundamento da crítica. Para Marx o conhecimento teórico necessariamente é conhecimento político. Para Hobsbawn (1998), a abordagem de Marx é a única que nos ajuda a compreender e a explicar a história humana em sua totalidade, constituindo um ponto de partida para a discussão moderna. Ele diz que, Marx continua sendo a base principal de todo estudo sério de história, porque foi o único a formular uma abordagem metodológica da história como um todo.

5. Referências:

HOBBSAWN, Eric. **Sobre história: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARCUSE, H. **Razão e revolução**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARX, Karl. **A ideologia alemã** (I- Feuerbach). São Paulo: Hucitec, 1986.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARX, Karl; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Cortez, 1998.

NETTO, José Paulo. **Relendo a teoria marxista da história**. In: SAVIANI, Dermeval;